

UMA TENTATIVA DE DESMISTIFICAR A NÃO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS

ALMEIDA, Magda S. S. Rodriguez de (Professor PDE)¹
AISSA, José Carlos (UNIOESTE – Cascavel - orientador)²

Resumo

O Ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas vem sendo bastante questionado atualmente, tendo em vista o papel desse idioma e os problemas existentes em seu ensino, o que muitas vezes propicia o deslocamento para o ensino desta língua a cursos particulares. O presente artigo tem por objetivo relatar a análise feita, através da implementação do Projeto PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) para melhor entender a relação professor/aluno de escolas públicas com o ensino/aprendizagem de inglês; reavaliando, assim, quais os possíveis entraves na Língua Inglesa, pois as escolas públicas carregam o estereótipo de que os alunos não aprendem inglês. Este trabalho de conclusão do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) foi realizado com alunos dos 2º anos, do período Matutino, do Colégio Estadual João Manoel Mondrone. A abordagem metodológica foi pesquisa quantitativa de natureza interpretativa, através de questionários e aplicabilidade de diferentes metodologias em sala de aula visando à obtenção das condições existentes no processo de ensino/aprendizagem e no processo político-pedagógico. Os resultados obtidos demonstraram divergências, trazendo alguns questionamentos, principalmente sobre os aspectos ideológicos e representativos que ainda envolvem o ensino/aprendizagem da Língua Inglesa e que está relacionado com professor/aluno; aspectos de recursos físicos e pedagógicos.

Palavras-Chave: Língua Inglesa – Ensino Aprendizagem – Ensino Público

Abstract: Nowadays English teaching at public schools is being highly questioned because of the role of this language and the problems faced when teaching it. This makes many people look for private courses to learn it. This project analyses the implementation of the PDE (Programa de Desenvolvimento da Educação) Project, and its goal is to better understand the relationship between teacher and students from public schools and the English teaching/learning process, revealing possible problems, since it is believed that at public school students do not learn English. This PDE final project was carried out with students from the second years of a senior high school, Colégio Estadual João Manoel Mondrone. The methodological approach was an interpretative quantitative research, using questionnaires and different

¹ Professora de Língua Inglesa da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, no Colégio Estadual João Manoel Mondrone inserida no Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE.

² Professor de Inglês e Respectivas Literaturas - UNIOESTE - Cascavel. (Doutor em Letras - UNESP - São Paulo; Mestre em Literatura Comparada - The Pennsylvania State University-USA; Tradutor Público e Intérprete Comercial; Avaliador de Condições de Ensino (MEC-INEP); City&guilds Quality Inspector; University of Cambridge ESOL Oral Examiner).

methodologies in the classroom, trying to reveal the existing conditions not only in the teaching/learning but also in the political pedagogical process. The results showed divergence, which brought about some questions about ideological and representative aspects involving the English teaching/learning process, in relation too teacher/student, physical, and pedagogical aspects.

Key words: English language; Teaching/learning process; Public Schools

Agradecimento

Devo agradecer a meu orientador Prof. Dr. José Carlos Aissa, pela ajuda e acompanhamento. Agradeço aos professores e aos alunos das Escolas Públicas, que de certa forma contribuíram para a minha pesquisa. Agradeço ao meu esposo Wilson, e aos meus filhos Gustavo e Fernando pelo grande apoio.

1. INTRODUÇÃO

Falar em educação é abordar uma fenomenologia que implica em uma série de problemáticas, as quais abrangem sociedade, cultura, política, religião e indivíduos.

Nessa perspectiva, colaboram as idéias de FREIRE (1997):

Educar significa capacitar as pessoas a lidarem crítica e criativamente com sua realidade social e não simplesmente adaptá-las a ela. É um exercício de libertação... Uma conscientização. (Paulo Freire, 1997)

No momento, no Brasil, a discussão sobre a melhoria do ensino está em pauta em qualquer questão relacionada à educação, e existe uma grande preocupação nessa área; ela é essencial para o desenvolvimento dos povos.

As Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) de Língua Estrangeira Moderna preconizam que o aluno:

“... vivencie, na aula de Língua Estrangeira, formas de participação que lhe possibilitem estabelecer relações entre ações individuais e coletivas para que, ao final do Ensino Médio, seja capaz de usar a língua em situações de comunicação oral e escrita...” (DCE-LEM 2008, p.12).

Com base nas Diretrizes Curriculares Estaduais já citadas, e em conformidade com o cenário nacional e as tendências mundiais, observa-se que o idioma de maior prestígio na escola regular, inclusive na rede particular, é o inglês.

Vale ressaltar, segundo BERGER (2005) que a maior quantidade de informações que circula hoje pela Net encontra-se em inglês, prevalecendo como a língua mais usada para a comunicação global e também como a mais presente no mundo da tecnologia.

Em decorrência, revelam-se importantes alguns questionamentos e reflexões sobre a Língua Inglesa, cujo status é de língua global, para assim, podermos saber quais os caminhos que queremos buscar.

- A dificuldade na definição da concepção, material didático, Projetos Político-Pedagógicos no Ensino de Língua Inglesa, juntamente com superlotação das salas de aula, desinteresse dos alunos e a proficiência do professor interferem no ensino-aprendizagem da Língua Alvo?
- Uma mudança na prática pedagógica, a utilização de novas concepções, metodologias, tecnologia e material didáticos como uma forma de integração na prática pedagógica mudariam esse quadro?

- O professor desenvolve novas formas de gestão em sala de aula?
- O ensino-aprendizagem está relacionado ou vinculado ao que nos faz sentido?

Aqui salientamos o entendimento do processo da educação, não como modelo ideal, mas como forma de vivenciar as diferentes possibilidades de avançar no tempo e espaço.

As críticas feitas ao sistema educacional radicam-se na inoperância em atender o momento presente, escolas desaparelhadas, rígidas, inadequadas, professores de baixo nível intelectual e salários baixos. Dentro da complexidade dos fenômenos é difícil indigitar problemas mais ou menos relevantes. Por isso, é necessário equilibrar qualidade formal e política, para que o processo de inovação se inspire em sujeitos críticos e autocríticos. Assim colocadas estas questões, faz-se necessária uma avaliação do sistema educacional para possíveis alternativas.

ALMEIDA FILHO (1993) cita que há muitas implicações no processo ensino aprendizagem de línguas e na formação do professor. A primeira refere-se ao processo de permitir/incentivar a tomada de consciência por parte do professor de suas próprias crenças; aquelas até mesmo relacionadas a literaturas de Lingüística Aplicada (sobre ensino-aprendizagem de Língua Inglesa). Isso reflete na concepção professores/alunos. A segunda implica aos cursos de formação de professores de línguas, os quais deveriam preparar os futuros professores para lidarem com a diversidade de crenças em suas salas de aula, e estarem preparados para prováveis conflitos que surgirão entre as crenças desses professore e de seus alunos. Assim sendo, BARCELOS (1995) afirma que isso só será possível desde que os cursos de Letras discutam questões específicas do ensino-aprendizagem de Línguas, e também os subsídios teóricos para o ensino da língua desde o início do curso de Letras, juntamente com as escolas da rede regular de ensino (públicas e particulares).

2. CONTEXTO E MÉTODOS

2.1. Concepção de Língua Inglesa no contexto escolar

O momento atual exige conhecimento de outras línguas. A Língua Inglesa adquire, agora, o espaço de uma disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. Assim, integradas a área de linguagens, códigos e suas tecnologias, o Inglês assume a condição e parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permite ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, proporcionar sua integração no mundo da globalização. A educação enfrenta mais um desafio: O de constituir-se em espaço de mediação entre a criança e esse meio ambiente tecnificado, pois o uso das novas tecnologias já se encontra na escola e só será eficaz quando norteado por adequado projeto pedagógico. Na prática isso implicaria em organizar sua estrutura curricular.

Dessas acepções, podemos ressaltar que há diferentes razões no mundo para se aprender a Língua Inglesa: Por Ela ter tornado-se uma língua franca, ter invadido todos os meios de comunicação, o comércio, a ciência, a tecnologia o mundo todo. O inglês é usado tão amplamente como língua estrangeira e língua oficial em tantas partes do mundo, que não faz sentido atualmente compreendê-la como a língua de um único país. Não deveríamos mais pensar que por falarmos inglês, poderemos ser dominados pelos países que são os “donos”, e sim, nos apropriarmos para nosso benefício social, econômico e cultural. Assim, a escola deve estar apta para desenvolver o aprendizado dessa língua. Não apenas incluindo-a no currículo, mas permitindo ao seus profissionais da educação desenvolver um trabalho eficiente. Permitindo ao aluno o acesso verdadeiro e eficaz. E somente o termos com o comprometimento do Estado, do pedagógico e da direção em articular e prover o que é de interesse da sociedade.

2.2 Implementação do Projeto

Com o objetivo de levantar dados referentes ao tema já exposto e também investigar dificuldades, tanto de ensinar, quanto de aprender a Língua Inglesa em escolas públicas, o que caracteriza certo enfrentamento entre professores e alunos, iniciou-se um projeto cuja primeira iniciativa foi pesquisar e ler bibliografias referentes ao tema, para um aprofundamento teórico que propiciasse um entendimento do processo quando da aplicação da pesquisa, e oferecesse subsídios para análise dos resultados. No decorrer do trabalho de pesquisa e fundamentação teórica, houve orientação do Professor José Carlos Aissa (UNIOESTE-CASCAVEL).

Durante o processo de aplicação do projeto de pesquisa em questão, cujo foco foi o ensino aprendizagem, realizaram-se questionários, processamento de dados, organização dos resultados em gráficos e análise dos mesmos, o que constituiu um painel de questões polêmicas a respeito do ensino da Língua Inglesa; neste caso, no contexto de uma escola pública.

Em referência à aprendizagem de Língua Inglesa, foram vários os pontos. Obtiveram-se várias respostas, a maioria em relação à necessidade de ter uma língua estrangeira (Inglês), para vestibular, emprego, etc.

O projeto de Intervenção foi aplicado no ano de 2009, no 1º semestre; no Colégio Estadual João Manoel Mondrone, região Oeste do Paraná, para conhecer um pouco melhor o contexto em que se trabalhava a Língua Inglesa, quais suas pretensões e o como se dava, e em que nível estava a aprendizagem

A Escola Pública oferece o “ensino desta língua a todos”, o que nos permite um questionamento no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa. Perguntamo-nos: será que os motivos pelos quais esse processo não é adquirido relacionam-se a falta de material pedagógico, a superlotação das salas de aula, a proficiência dos professores, ao desinteresse dos alunos, ou a um maior comprometimento político e social?

Com base no contexto mencionado, foi possível retomar algumas questões e, para tanto, fez-se necessário que a condução no processo ensino/aprendizagem privilegiasse o trabalho dos professores e alunos em escolas públicas, elaborado na seguinte sequência.

2.2.1 Analisando os fatos

A Implementação do Projeto foi realizada no Colégio Estadual João Manoel Mondrone – Medianeiro Paraná, com a aplicabilidade de questionário (algumas questões com uma única opção e outras questões com múltipla escolha) para cinco professores de diferentes Colégios Estaduais de Medianeira, incluso um do Colégio Mondrone, e para 35 alunos do 2º “A”; 24 alunos do 2º “B” e 29 alunos do 2º “C” do período diurno, do Colégio já citado.

Após análise das respostas como diagnóstico houve a elaboração da proposta de trabalho e preparação das atividades enfocando diferentes abordagens metodológicas para aplicabilidade nas turmas já mencionadas.

A partir do levantamento, o demonstrativo dos mesmos foi co-relacionado através de gráficos, por séries com seus respectivos questionamentos e respostas.

2.2.2 Questionário para traçar um panorama do ensino de Língua Inglesa em Medianeira – PR – ponto de vista do aluno

Você faz curso particular de Inglês? (FISK, CCAA, outros)

Sim () Não ()

O Professor adota livro didático?

Sim () Não ()

O número de horas-aulas é suficiente para sua aprendizagem?

Sim () Não ()

O número excessivo de alunos em sala de aula dificulta a sua aprendizagem?

Sim () Não ()

Obs.: Se você tem dificuldades para apreender a língua inglesa, responda:

(Múltipla escolha)

Quanto ao ensino/aprendizagem, a que você associa seu professor?

- Amizade ()
- Orientação ()
- Mediação ()
- Autoritarismo ()
- Metodologia tradicional ()

Por que é importante aprender a Língua Inglesa?

- Vestibular ()
- Conseguir emprego ()
- Respeitar e conhecer novas culturas ()
- Assistir a filmes na Língua Inglesa ()
- Viagens ao exterior ()

A que você atribuiria o fato de não aprender inglês?

- Sua atitude ()
- Despreparo do professor ()
- Metodologia adotada ()
- Material didático ()
- Complexidade da matéria (língua) ()
- Falta de contato diário com a língua ()

2.2.3 Questionário para traçar um panorama do ensino de Língua Inglesa em Medianeira – PR – ponto de vista do professor

Você faz curso particular ou curso de proficiência?

- Sim () Não ()

Você escolhe seu material didático?

- Sim () Não ()

O número excessivo de alunos em sala de aula dificulta a aprendizagem?

- Sim () Não ()

Que concepção pedagógica você tem adotado?

- Comunicativa ()
- Prática discursiva ()
- Tradicional ()
- Eclética ()
- Nenhuma ()

Quanto ao processo ensino/aprendizagem, que item abaixo você relaciona com o professor?

- Amizade ()
- Orientador ()
- Mediador ()
- Autoritarismo ()
- Metodologicamente tradicional ()

A que você atribuiria o fato de alunos não aprenderem a Língua Inglesa?

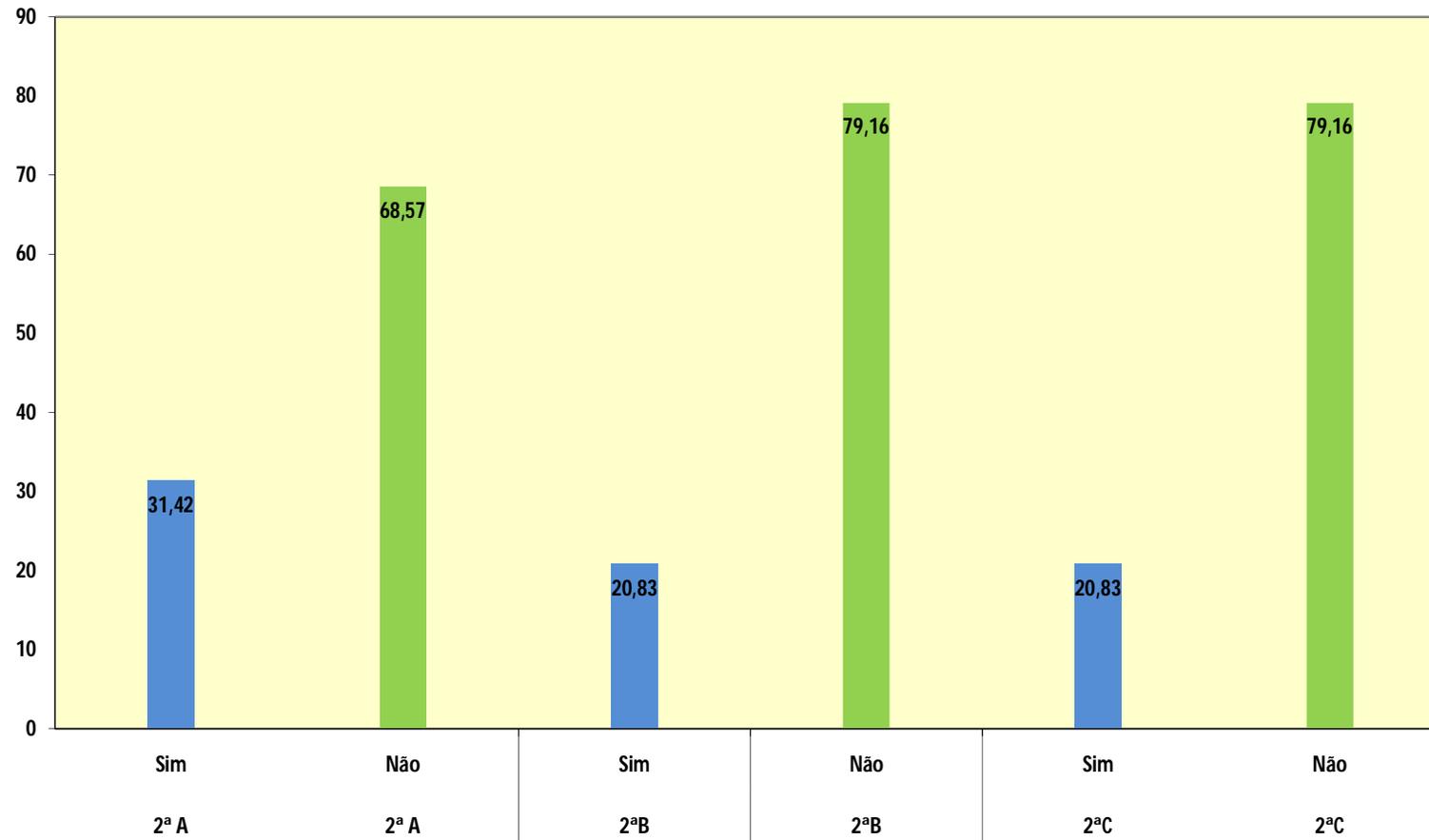
- Despreparo do professor ()
- Metodologia adotada ()
- Material didático ()
- Complexidade da matéria ()
- Falta de contato diário com a língua ()

Por que a Língua Inglesa é importante para seus alunos?

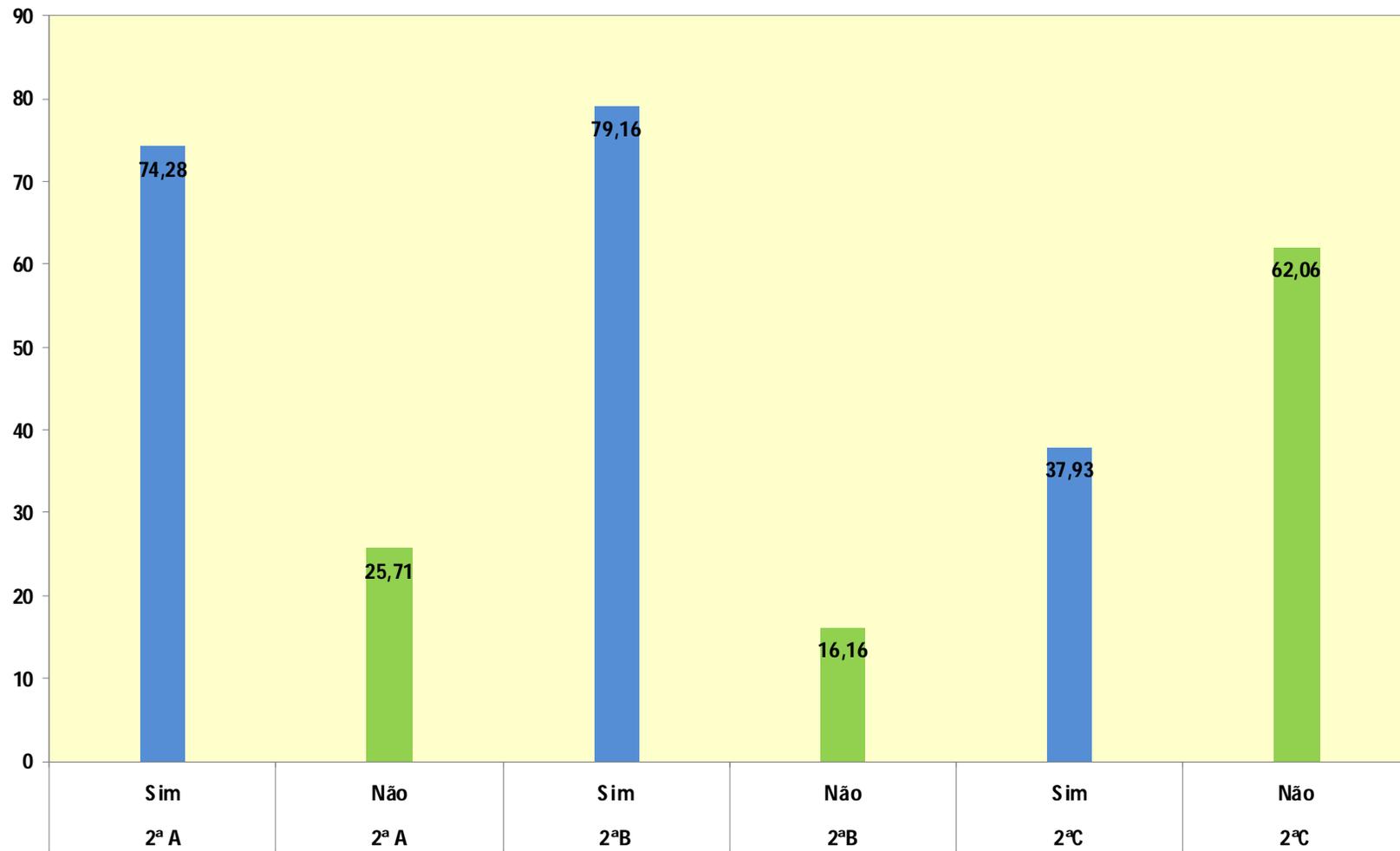
- Vestibular ()
- Profissionalmente ()
- Importância de uma segunda língua ()
- Respeitar e conhecer novas culturas ()

Aplicados os questionários, tabulados os dados, organizaram-se gráficos que demonstram a situação do ensino-aprendizagem da língua inglesa no ambiente focalizado.

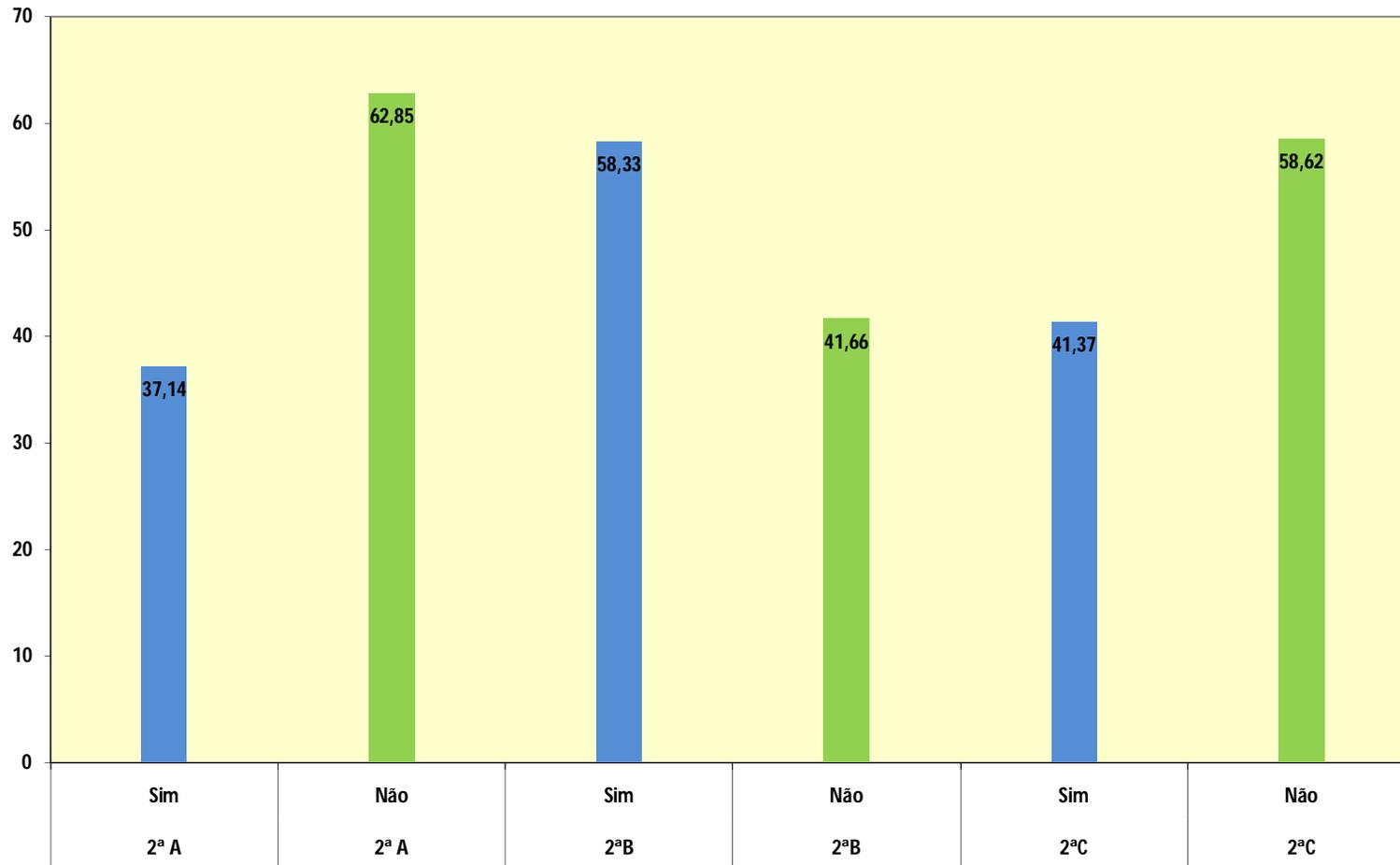
Você faz curso particular de inglês? (FISK, CCAA, outros) - Gráfico 1



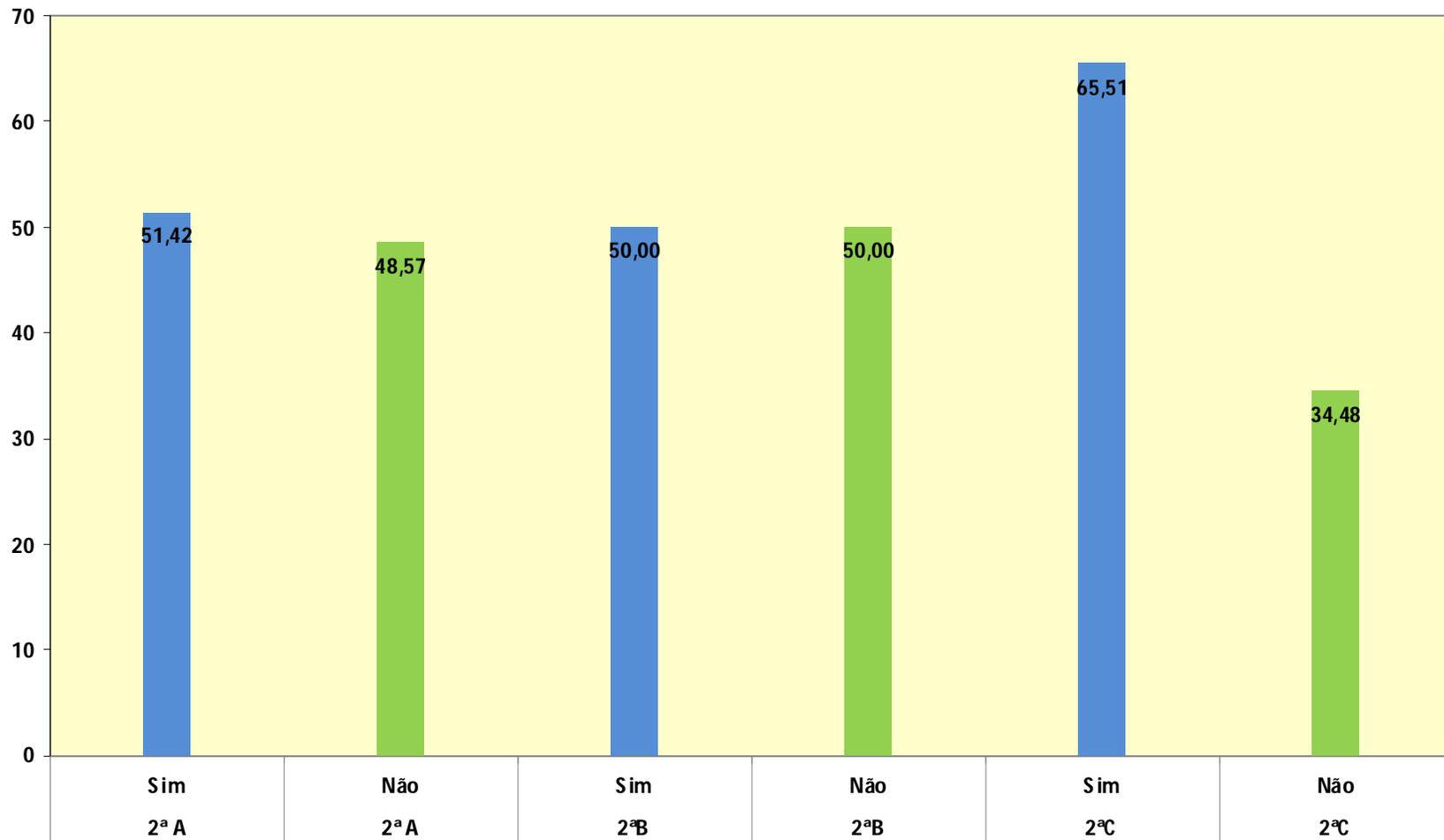
O professor adota livro didático? - Gráfico 2



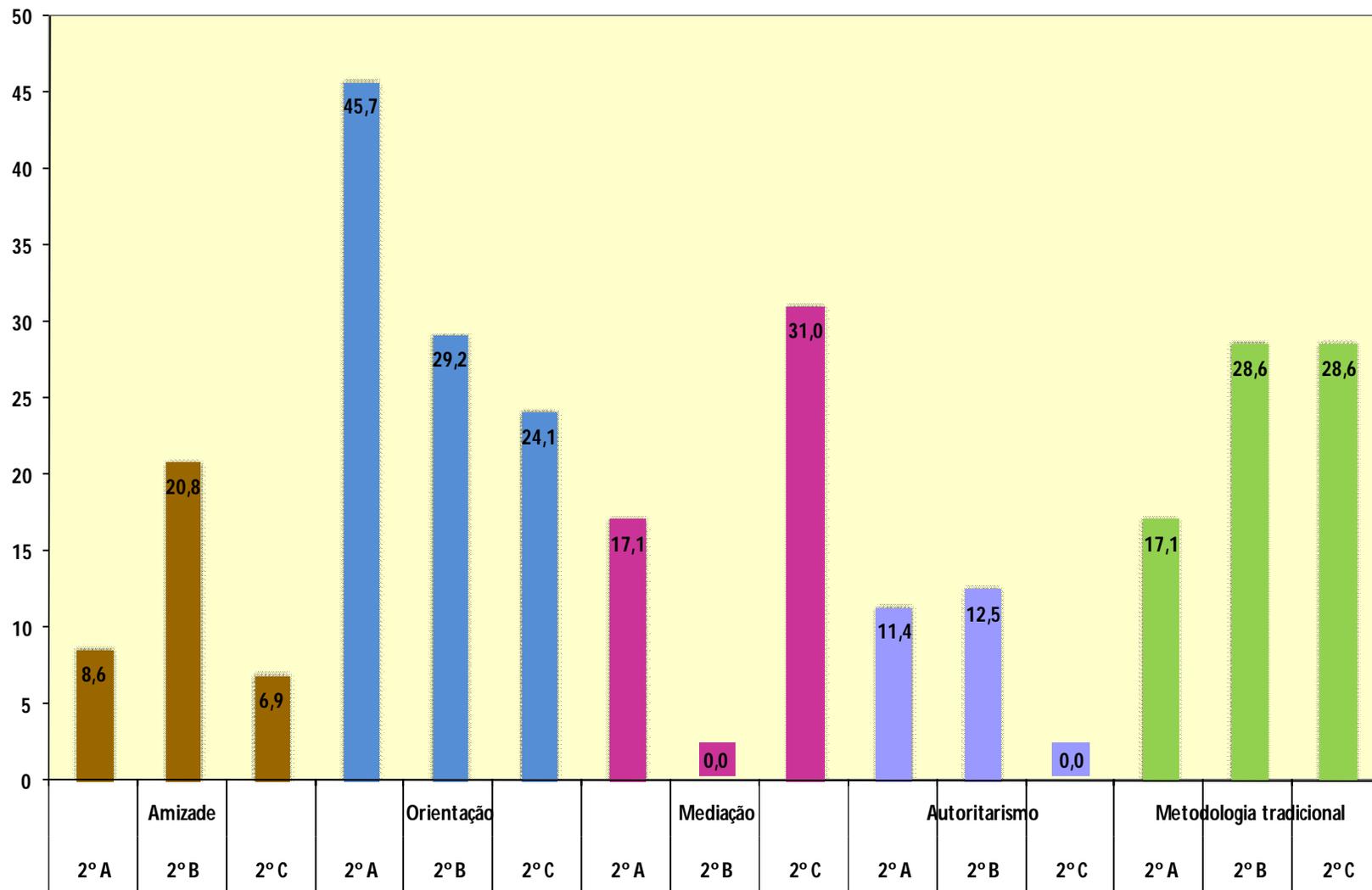
O número de horas-aula é suficiente para sua aprendizagem? - Gráfico 3



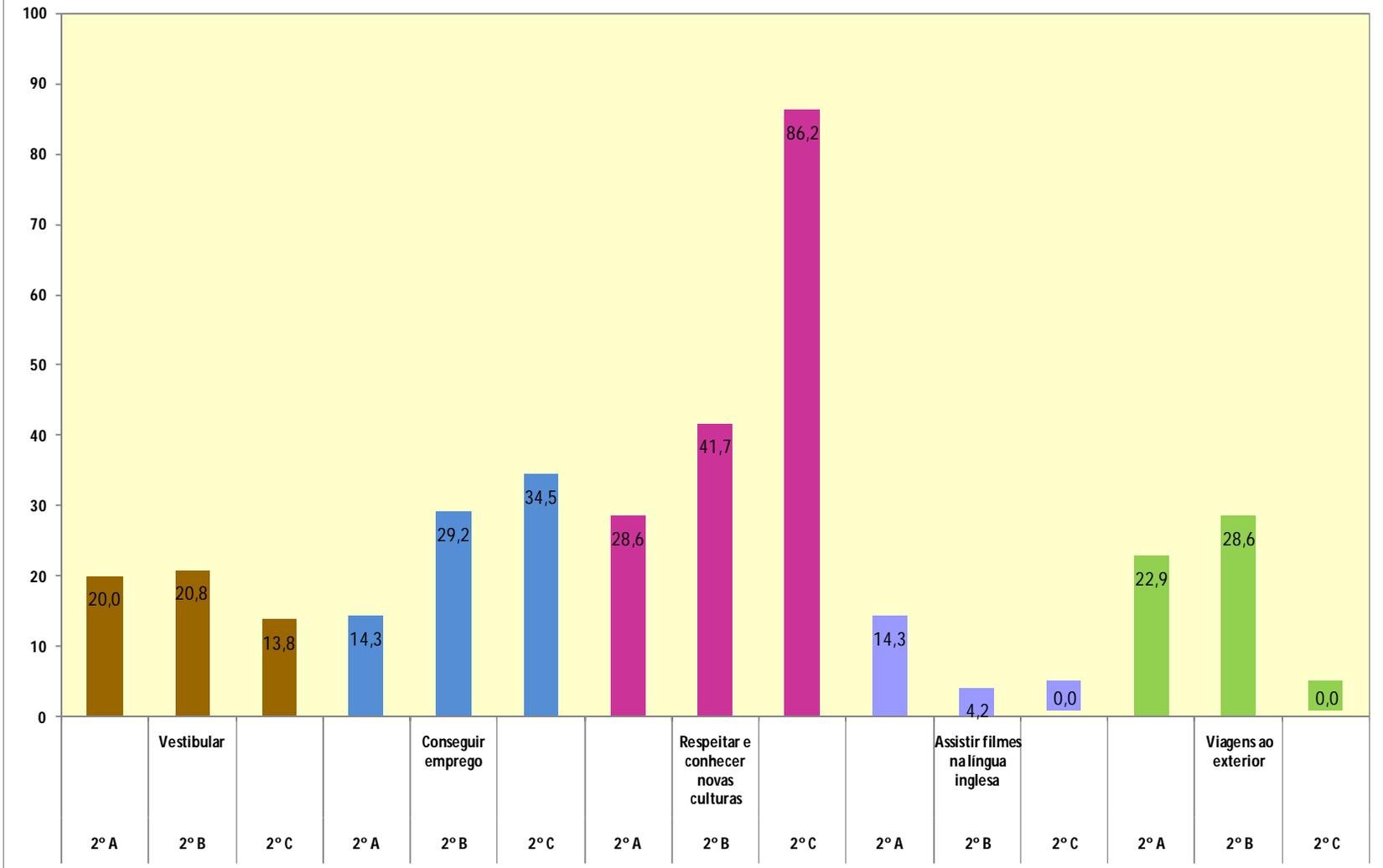
O número excessivo de alunos em sala de aula dificulta sua aprendizagem? - Grafico 4



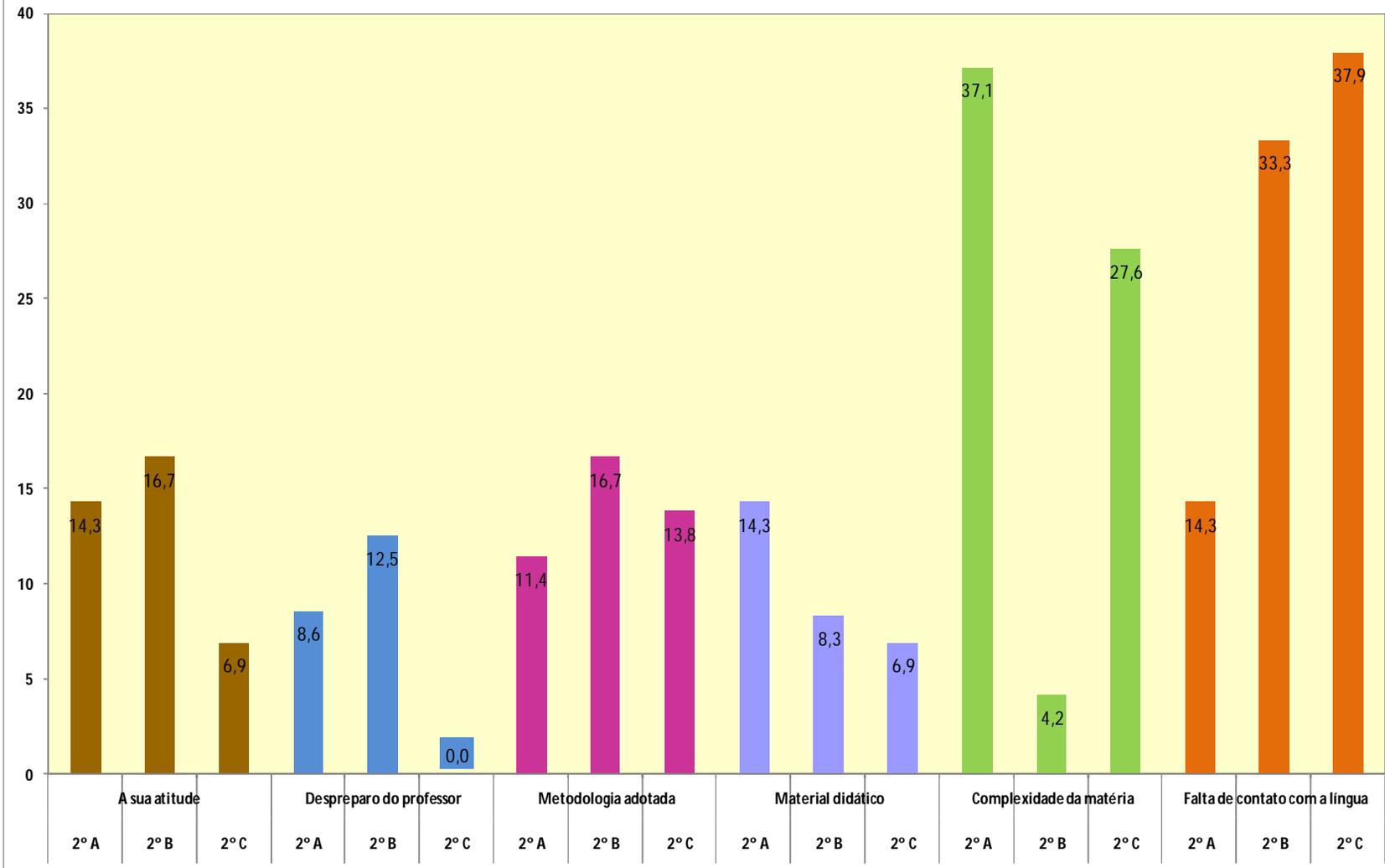
Quanto ao ensino/aprendizagem, a que você associa seu professor? - Grafico 5



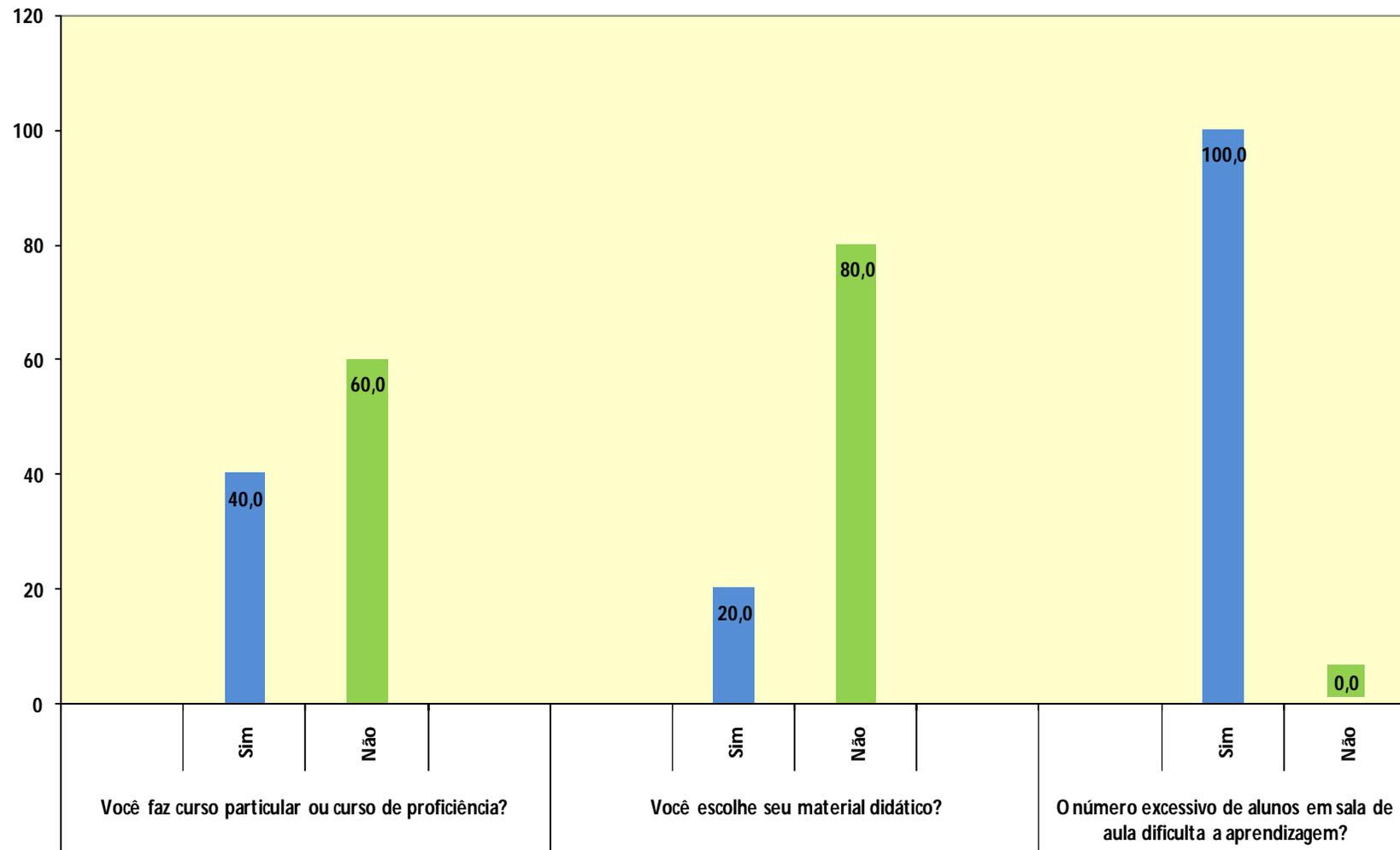
Por que é importante aprender a Língua Inglesa? - Gráfico 6



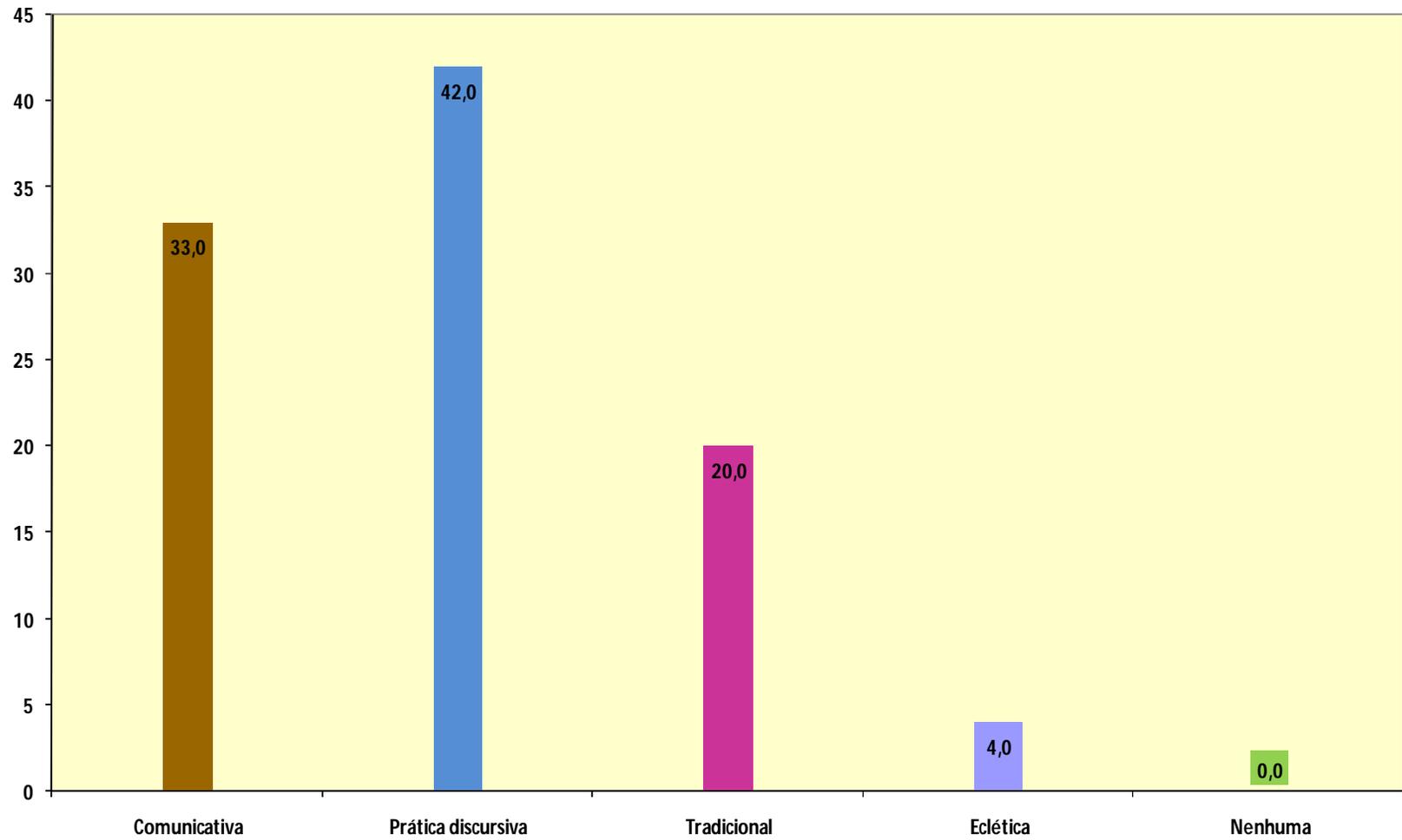
A que você atribui o fato de não aprender inglês? - Gráfico 7



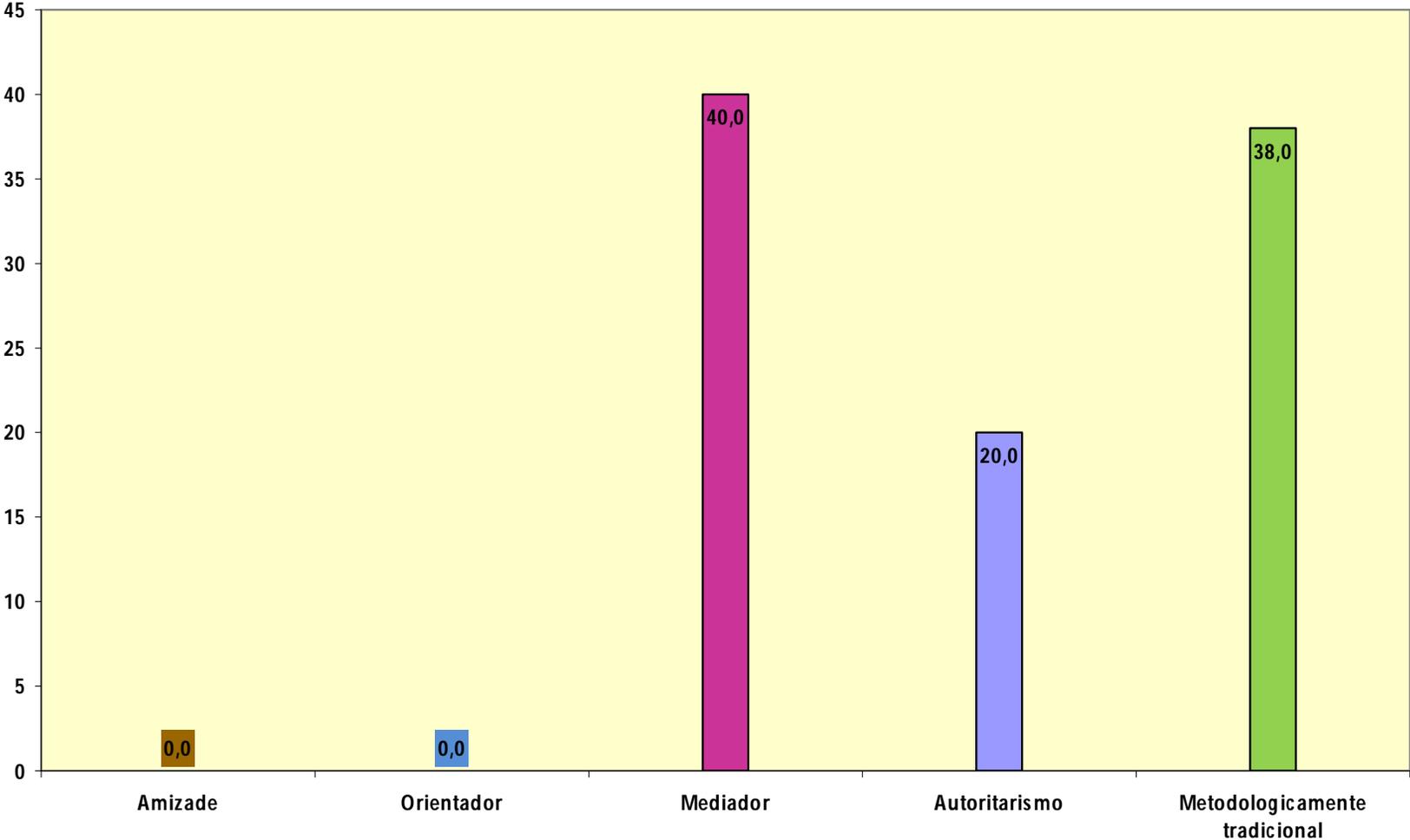
Diagnóstico do ensino da Língua Inglesa (Professores) - Gráfico 8



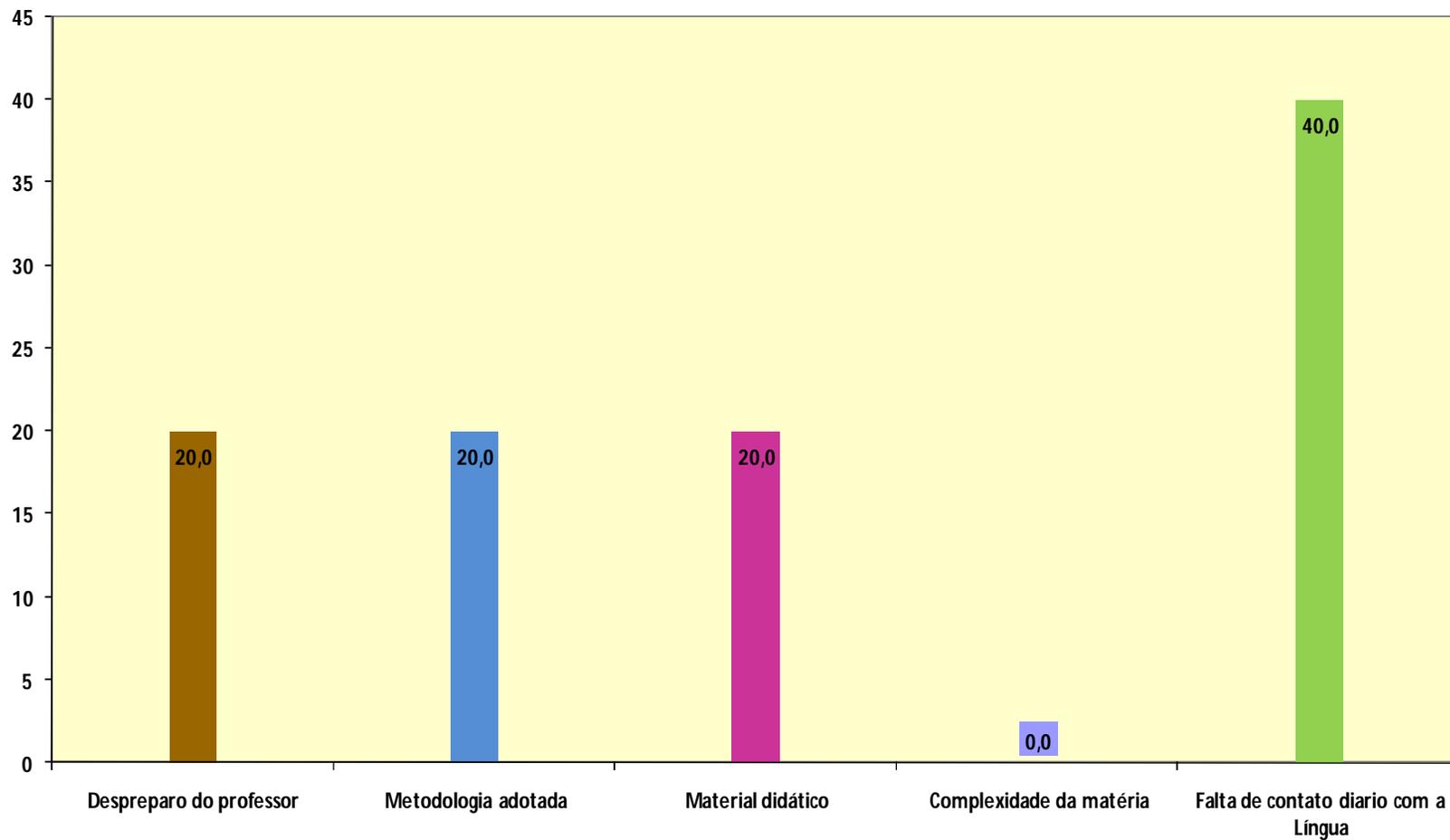
Que concepção pedagógica você tem adotado? - Gráfico 9



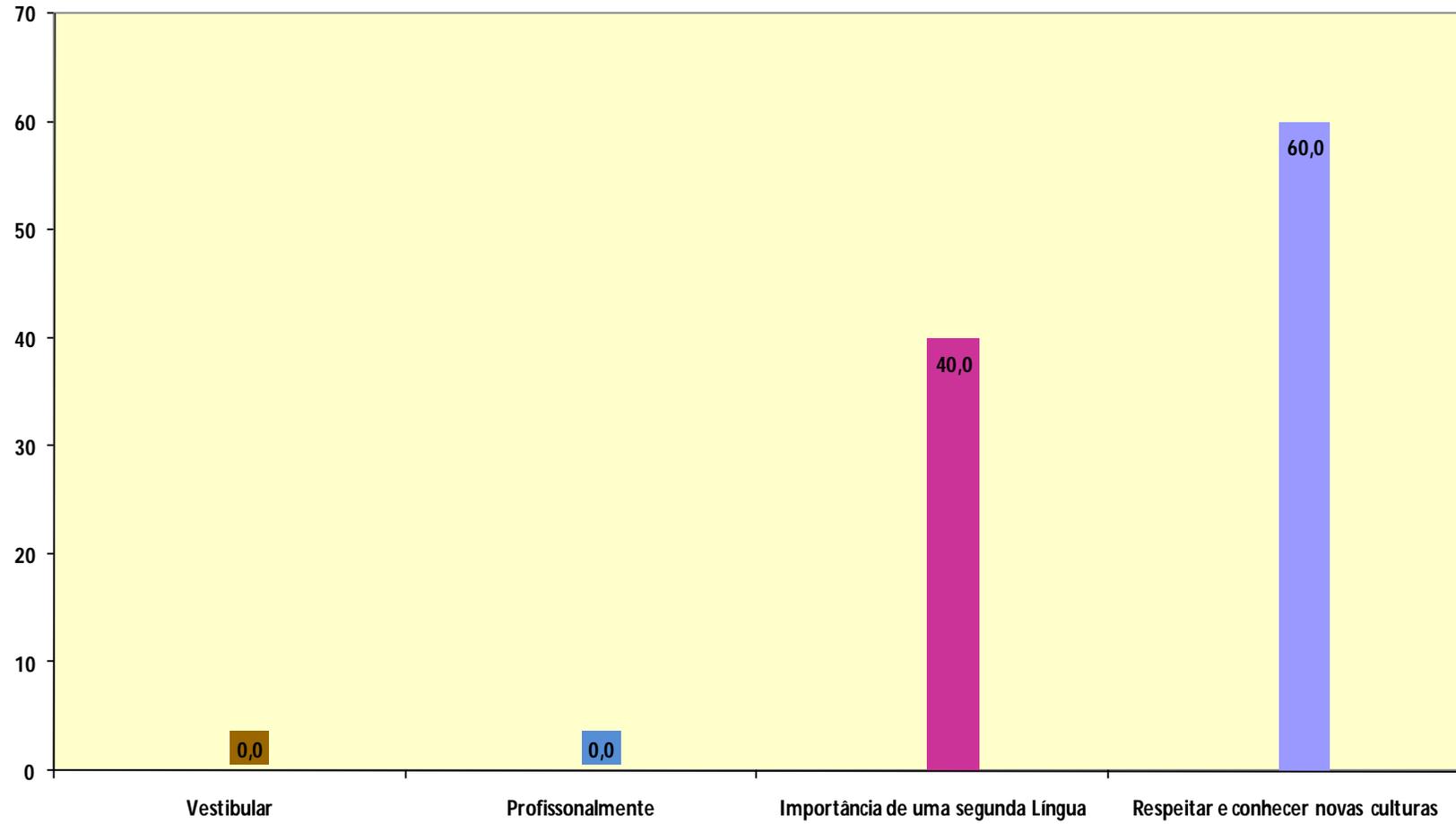
Quanto ao processo ensino/aprendizagem, que item abaixo você relaciona com o professor? - Gráfico 10



A que você atribuiria o fato dos alunos não aprenderem a Língua Inglesa? - Gráfico 11



Por que a Língua Inglesa é importante para seus alunos? - Gráfico 12



3 A COMPREENSÃO DO ENSINAR / APRENDER A LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS APÓS NÁLISE DOS GRÁFICOS

Atualmente, o caráter formativo de uma língua estrangeira ganha muito relevo, conforme salienta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira:

[...] objetiva-se restaurar o papel da Língua Estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarre para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem PCNs (1998. p. 19).

A tarefa primordial da educação deve ser escolher modelos adequados a cada tipo de sociedade, levando em consideração o homem, a demanda do ambiente, a individualização e a socialização do ensino.

Vale ressaltar novamente que a inclusão de pelo menos uma disciplina de língua estrangeira no currículo escolar conforme determinam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (2002) propicia aos indivíduos a não privação de acessar informações que estão disponíveis em outras línguas, o que pode contribuir para seu crescimento pessoal. Tal afirmação vem de encontro ao que está visível no gráfico 1, que a maioria dos alunos, apenas tem acesso a uma língua em escolas públicas. Os alunos pesquisados sabem da importância de se estudar uma língua estrangeira, de acordo com o gráfico 6, no entanto, a Língua Inglesa ainda não está em conformidade com os parâmetros Nacionais, porque hoje, apesar de se supor que atingimos um ensino universalizado quanto à disciplina de Inglês, o mesmo não se pode afirmar quanto à democratização do conhecimento, visto que, na análise do gráfico 1, constatou-se que a maioria dos alunos tem apenas acesso a escola pública e muitas vezes, pela falta de definição adequada da concepção pedagógica a seguir e escolha de material didático apropriado reforça o que define as respostas dos gráficos 2, 8 e 9, dificultando o aprendizado dessa língua.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que é nesse contexto que estamos todos inseridos, alunos e professores. Diante disto, os professores devem estar

atentos para a necessidade de modificar a sala de aula, utilizando as novas tecnologias de informação e comunicação; pois são necessárias as práticas pedagógicas que se proponham ultrapassar a reprodução e repetição do conhecimento.

As novas perspectivas da Educação no início do Séc. XXI devem possibilitar que professores e alunos tenham autonomia, sejam criativos, capazes de inovar e superar práticas docentes dos processos inadequados gráficos 9, 10 e 11.

Em contra partida, a responsabilidade para que isso aconteça e que realmente esse acesso seja efetivado, revela que as políticas governamentais deverão priorizar ensino público de qualidade, dando realmente condições para que os profissionais da educação tenham recursos políticos pedagógicos para realização do seu trabalho posto que, a participação dos professores, não foi tão efetiva quanto se esperava. Justifica-se pela explanação por eles argumentada: “No Estado não temos dedicação exclusiva; nossas horas atividades são de 25%, o que não nos permite envolvermos em muitos projetos. Sempre que o fazemos tem que ser em jornadas maiores das que nos corresponde. É importante salientar que as reuniões pedagógicas acontecem, porém, sempre direcionadas a problemas internos e de ordem político pedagógica. Nunca paramos para reuniões por área, onde as transformações aparecem pelo compartilhar de experiências e dúvidas. Há muita burocratização, certos cumprimentos desnecessários (alguns projetos) que quando vemos estamos “atolados” em tarefas. Para somar há muitos professores que lecionam em outras escolas e não há como fazer hora-atividade por área. Os Colégios fazem alguns arranjos, mas pela justificativa dada pelos professores quanto à participação no projeto verifica-se que os horários muitas vezes não coincidem. Mesmo assim, alguns responderam e colaboraram com o trabalho.

Assim entendemos que não há como estudar, participar de cursos de proficiência retratada essa realidade, gráfico 8, e os alunos nos vê como autoritários na sala de aula, metodologicamente tradicionais e despreparados gráficos 5, 7, 10 e 11.

Quanto às turmas dos segundos anos do turno da manhã, numa foram trabalhadas as aulas dando ênfase à concepção comunicativa, às vezes tradicional. A gramática era trabalhada descontextualizada, os textos lidos e interpretados.

Fazia-se o Listening com um som pequeno sem MP3 de qualidade não favorável a uma aula de Línguas. O professor não necessitava ter proficiência, o que repassava para eles, a não necessidade de aprender inglês, pela distância da compreensão. Retratando o despreparo do professor, a falta de material didático apropriado, a atitude dele enquanto aluno e a falta de contato com a língua dificultando o seu aprendizado gráficos 5, 7.e 11. Já em duas outras turmas, as aulas foram trabalhadas com enfoque na concepção do Discurso como Prática Social. O livro didático foi escolhido pelo professor, com linguagem discursiva e propondo a proposta acima relacionada. As aulas pareciam mais dinâmicas. Teve mais sucesso, porém alguns alunos, não estavam acostumados com esta abordagem no sentido de Inferir a análise linguística quando houvesse necessidade de o aluno ter esse conhecimento como marca textual, e eles acabaram ficando um pouco confusos. “Questionei-os para entender qual a dificuldade em questão. Eles responderam que não estavam aprendendo gramática. Expliquei novamente a proposta de trabalho, e retomei alguns pontos, desta forma, explanei a eles que quando trabalhava a interpretação textual e houvesse a necessidade ou importância da análise linguística explicaria, pois, essa não deveria estar dissociada ao texto, e nem ser trabalhada no texto como pretexto, pois a concepção pedagógica estava pautada no discurso como prática social. Outro ponto de grande relevância, foi à condução da aula quanto à oralidade, falava-se mais em inglês do que em português, apesar das limitações do professor, tirando-os da “zona de conforto”, tinham que ficar em silêncio, as turmas eram numerosas (38 alunos), dificultavam o trabalho proposto nessa concepção, já que estavam acostumados com o professor ministrando o inglês com predomínio da língua materna, o português, e dessa forma a participação deles deveria ser com uma concentração maior gerando inquietação, mas nada que não se resolveu posteriormente. Fazer os exercícios de Listening era muito difícil pela falta de equipamento adequado ao trabalho em sala de aula, havia apenas um som pequeno, sem caixa de adequação ao ambiente, pelo excesso de alunos em sala, apesar da constatação no gráfico 4, em que contempla esta questão que o percentual em referência a este item nas respostas dos alunos em algumas turmas equiparou a 50%. A relevância é que os alunos acreditam que não importa o excesso de alunos em sala de aula, caso haja o interesse deles querendo aprender

eles deveriam ficar em silêncio e aprenderiam, todavia, os professores discordaram dos alunos nesse item e deixaram clara a necessidade de diminuição de alunos em sala de língua inglesa de acordo com o gráfico 8. Para somar o número de horas aulas foi insuficiente para o aprendizado, gráfico 3. A partir desses levantamentos percebeu-se que, eu, como todos os outros professores não têm proficiência na língua para a prática discursiva e não são todos que têm um bom conhecimento teórico das concepções o que dificulta a escolha da metodologia e dos materiais didáticos gráficos 6 e 9. Assim entendemos que capacitações são essenciais, considerando que não tivemos nos últimos anos acesso, gráfico 8, a não ser nós do PDE (Programa de Desenvolvimento de Educação), porém ela não deveria limitar-se só a esse período, mas ser contínua (a cada ano) com seminários e encontros como vinha ocorrendo.

Em sequência a análise dos fatos uma das dificuldades enfrentadas foi à falta de acompanhamento e apoio da Equipe Pedagógica e da Gestão escolar, (pela não definição de equipe pedagógica e professores no início do ano). Sem ocorrer um espaço para a explanação da proposta em reuniões pedagógicas. No final da implementação, quem fez a avaliação do projeto não havia acompanhado o trabalho. Houve um prejuízo ao projeto como um todo, pois a proposta do material didático foi um OAC (Desmistificando a não aprendizagem de Língua Inglesa em Escolas Públicas) direcionado aos professores, o que não era visível como material didático para sala de aula; assim, a proposta, como avaliada de forma negativa, acabou se perdendo, ou seja, não será utilizada como subsídio para melhorar o ensino de inglês no colégio em questão.

A partir dos levantamentos, pôde-se compreender claramente que há uma relação no que se refere à carga horária reduzida; (des)motivação, recursos didáticos escassos, classes numerosas, pouca qualificação docente, utilização de metodologias inadequadas e a condição sócio-cultural do aluno, entre outros. Em conformidade com o cenário nacional, se o ensino de uma língua estrangeira é dever da escola; se a maioria das escolas oferece o inglês; se os alunos de camadas populares, a escola pública é o único lugar de aprendizagem desse idioma; é de se esperar que esse ensino seja eficaz, de qualidade e que contemple o direito de formação integral do indivíduo, “cidadania” tão difundida nos DCEs e PCNs.

4. CONCLUSÃO

Segundo GADOTTI (2000), o conhecimento estará presente no futuro, pois depende dele o desenvolvimento de um país e, para isso, essa educação precisa ser de qualidade. Seu aspecto é positivo, mas devemos refletir e nos perguntar: qual educação, qual escola, qual aluno, qual professor? Apontar o que pode ficar da velha educação (concepção), e o que deve acrescentar-se das novas concepções, na educação futura.

As escolas precisam pensar em seus projetos político-pedagógicos a médio e longo prazo, isto é, reestruturar seu currículo, conhecer qual concepção é a mais adequada para seus parâmetros. Precisa definir sua linha de ação e estar aberta para inovações.

O educador será um mediador do conhecimento, o aluno sujeito de sua própria formação, construindo seu conhecimento a partir do seu ambiente, sendo curioso e dando sentido ao que faz. Desta maneira ele se tornará dono do seu próprio discurso.

RIVERS (1987) nos relata que atividade colaborativa deveria ser norma, no início da aprendizagem podendo partir do estudo lingüístico. Parte da arte do professor de criar, ou estimular os estudantes criando situações em que naturalmente floresce a interação. Só assim, o aluno poderá usar uma comunicação real. Diferente do que tem sido num aprendizado mais formal. Desta forma, eles já estarão a participar na atividade central para que a língua seja usada em relações humanas.

As práticas pedagógicas devem estar voltadas à interação dos sujeitos para que estes encontrem no coletivo suporte para ampliar constantemente os saberes. RIVERS (1981) cita que é na criação de discurso que veicula as suas intenções. Mesmo em um estágio elementar eles aprendem, desta forma, a fim de explorar a elasticidade da língua, a fazer o pouco que sabemos ir muito longe. O cérebro é dinâmico, em constante inter-relacionamento ao que nós aprendemos com aquilo que estamos a aprender, e a troca de idéias de intercâmbio de mensagens permite aos estudantes relacionar e recuperar muitas coisas, as quais eles se depararam. E em língua estrangeira essa situação é muito importante. A interação torna-se

essencial para a sobrevivência no novo idioma e na cultura, e os alunos precisam de ajuda com estilos de interação.

Por conta disso, a solidariedade entrelaçada ao processo coletivo orienta as práticas e gera condições para a produção de significados partilhados, que criam bases para reflexão e diálogo. Só com interação, com o conhecimento do outro eu aprendo e amplio meu próprio conhecimento e cresço.

Os estudos desses autores vêm ao encontro de nossos anseios, no sentido de mostrar que, às vezes, damos tanta importância à metodologia mais do que realmente ela mereceria.

Propor alternativas para a prática pedagógica; Conhecer diferentes concepções de linguagem; Conhecer e dominar as habilidades para interagir através do discurso; Conhecer o papel do professor e aprendiz na LEM. Está implícito no (PCNs 2002 p. 144)

Coadunam com essa reflexão as colocações dos PCNs (2002, p. 144) quando ressaltam propor alternativas, pois as rápidas e ininterruptas transformações na sociedade, aliadas à vertiginosa evolução e utilização das tecnologias trazem novos e complexos desafios à educação e a seus profissionais, evidenciando a necessidade de formação continuada ao longo da vida, utilizando para tanto, todos os meios e recursos disponíveis. O professor deve estar atento para a nova postura. Dessa forma poderá despertar em seus alunos a curiosidade, entusiasmo, tornando-os abertos ao diálogo e motivados a aprender.

Devemos criar novas maneiras de ensinar, aprender e desenvolver o currículo, não só como organização de conteúdos, mas também envolvendo o pedagógico, órgãos políticos e a comunidade. Nossas ações devem estar voltadas à aprendizagem significativa do aluno. É fundamental que o professor valorize a oportunidade que o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) traz, no sentido de aprofundar conhecimentos nesta área, levar tais conhecimentos aos professores de Língua Inglesa, para que conseqüentemente, o aluno encontre sentido naquilo que está aprendendo, de forma motivadora, facilitadora, significativa, crítica e criativa.

É importante o professor saber usar, além do giz, os recursos tecnológicos: TV, Vídeo, DVD, retroprojetor, lâminas, TV pendrive, computador e Internet como fontes de pesquisa, não de acúmulo de informações.

MOITA LOPEZ (2004) aponta que vivemos num mundo multisemiótico, cujos textos extrapolam a letra, ou seja, um mundo de cores, sons, imagens e design que constroem significados em textos oral-escritos e hipertextos. Com isto, a escola tem o compromisso de mudança, terá de se preparar quanto à compreensão da dimensão político-pedagógica.

Para a Secretaria de Estado da Educação (DCE, 2008, p.10), a educação deve prover os meios necessários para que se assimilem tanto o saber, quanto o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação, cabendo à escola a responsabilidade de informar, mostrar, desnudar, ensinar regras, não apenas para que sejam seguidas, mas principalmente para que possam ser modificadas.

O campo da comunicação é um campo cultural que cresce em importância e visibilidade no mercado está caracterizado pelo uso intensivo de meios tecnológicos de transmissão de informações. A comunicação humana depende de linguagens e por viver em sociedade, comunicação e sociedade relacionam-se entre si. As diversas linguagens empregadas pelo homem fazem parte do conjunto de elementos que distinguem uma sociedade de outra. Aprender outras línguas diferentes da que utilizamos é aprender maneiras diversas de se pensar, sentir e agir. É conhecer outras culturas, é nos realizarmos como seres humanos.

A importância de se ensinar a Língua Inglesa na escola se concretiza nesse contexto prática como discurso. A Língua Inglesa passa a ser o intercâmbio entre homem-máquina quando ele tem que dominar os termos ingleses que definem os comandos a serem seguidos para a operação dos aparelhos, bem como pela necessidade de uma língua internacional para a comunicação homem-homem. Na troca de conhecimentos principalmente no campo da pesquisa, objetivo maior das novas tecnologias no campo educacional.

Assim, salientamos que a escola deve-se oferecer um ensino capaz de desenvolver as habilidades cognitivas e afetivas dos alunos para que tenham

perspectivas para o futuro. A inclusão da Língua Inglesa no currículo escolar nos dá essa possibilidade.

5. PALAVRAS FINAIS

Os resultados obtidos pelo projeto em questão visaram a colaborar com os professores da rede paranaense de ensino, quanto à sugestão e reflexão no que se refere ao ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, de acordo com a nova posição educacional na dinamização do processo ensino-aprendizagem exige uma nova postura do professor. Ele deverá estar preparado para essas transformações, pois, terá diferentes papéis a desempenhar. É importante ressaltar que refletir sobre seu papel de agente transformador, dando um novo enfoque ao ensino da Língua Inglesa, Cabe a atitude sábia do professor de incorporar o novo no antigo, em maior ou menor grau de acomodação, dependendo, assim, do contexto em que o professor se encontra, de sua experiência e principalmente de seu nível de conhecimento. Por isso, essa experiência de sala de aula de não aceitação incondicional de tudo que é novo, mostra que as respostas não são definitivas; devem fazer parte de uma reflexão, mesmo nas salas de aula mais tradicionais, e assim, tomar parte na reformulação, não como espectador, mas como construtor desse processo, e dessa forma chegar a um mundo mais equilibrado, sadio e com mais certeza de por que educar. Também cabe ao sistema cumprir com o que lhe compete.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

ALMEIDA, M. S. S. R. **Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola**, Medianeira, 2008.

BARCELOS, A. M. F. **A Cultura de Aprender Língua Estrangeira (Inglês) de alunos de Letras**. 1995. Dissertação (Mestrado em lingüística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BERGER, M. A. F. O. **Papel da Língua Inglesa no Contexto de Globalização da Economia e as Implicações do uso de NTICs no Processo de Ensino Aprendizagem desse Idioma**. São Cristovão: NPGED, 2005. Dissertação de Mestrado

BRASIL, Ministério da Educação, PCN Ensino Médio: **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares**, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Pedagógica**. 3. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1997.

GADOTTI, M. **Perspectivas Atuais da Educação**. Artes Médicas, Porto Alegre, 2000.

LOPES, L. P. M.; ROJO, R. H. R. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. IN: Brasil/DPEM Orientações Curriculares do Ensino Médio. Brasília: MEC, 2004, p 14-59.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Estrangeira Moderna**. Curitiba, 2008.

RICHARDS, J. C. RODGERS. T. S. **Approaches and methods in language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993

RIVERS, M. Wilga. **Interactive Language Teaching**. Cambridge: U Cambridge University Press 2, New York, 1987.